



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6768 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

OCUPAÇÕES DE ESCOLAS: O QUE DIZEM SOBRE A JUVENTUDE E SUA RELAÇÃO COM A ESCOLA

Francisco Pinto de Azevedo - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO

OCUPAÇÕES DE ESCOLAS: O QUE DIZEM SOBRE A JUVENTUDE E SUA RELAÇÃO COM A ESCOLA

INTRODUÇÃO

Esse resumo é oriundo de minha dissertação de mestrado em andamento, sobre as ocupações de escolas em 2016, mais especificamente sobre a ocupação do Colégio Pedro II – Campus Engenho Novo.

O estudo interpreta as ocupações como um movimento social protagonizado pela juventude em defesa da educação pública, sendo contrário à PEC 241/55 e aos rumos que tomavam a Reforma do Ensino Médio. A partir disso, debate a atuação política da juventude na atualidade, e o que os movimentos de ocupações de escolas dizem sobre à mesma, bem como os conhecimentos construídos durante a ocupação, e qual sua legitimidade frente ao currículo escolar tradicional. Levando em conta as pautas apresentadas, a maneira como foi divulgada, organizada, e quais bandeiras levantou, podemos pensar como a juventude atua no campo dos movimentos sociais.

O objetivo principal da pesquisa é refletir sobre o que as ocupações mostram à respeito da juventude, ou seja, como a análise desse movimento pode nos ajudar a entender suas pautas, tanto em relação à escola, quanto à sociedade. Para tal, busco identificar a existência de capitais próprios do campo das ocupações, e, a partir disso, entender o que esses capitais dizem sobre a atuação da juventude atual em movimentos sociais. Além disso, também busco trazer reflexões sobre o espaço da escola, e sobre alternativas aos modelos de escola atual e o proposto pela diretrizes da Reforma do Ensino Médio.

MÉTODO

A metodologia consiste em entrevistas com ocupantes e revisão bibliográfica. Até o momento, foram feitas 7 entrevistas, iguais para todos os entrevistados. A entrevista aborda seis tópicos: “Sujeito de direitos e sujeito político”, identificando se o entrevistado tinha

atuação prévia em movimentos sociais. O tópico também faz menção às passeatas de 2013, tida por muitos autores como importante marco para os movimentos sociais jovens. “Micro Regulações e pautas locais”, que trata da escola pré-ocupação, dando ênfase à relação dos alunos com a direção, relacionando esse fator com a forma pela qual os ocupantes tomaram suas decisões. “Capitais do Campo”, que levanta quais pontos os ocupantes elegiam/entendiam como significativos para considerar que a ocupação estava dando certo. “Cotidiano” consiste nos eventos marcantes, e como era feita a divisão das tarefas. “Conhecimentos construídos pelo movimento”, que aborda o que os ocupantes aprenderam com a experiência, debatendo a legitimidade desses conhecimentos. Por último, “Impactos e reverberações da ocupação”, que tratava do impacto do movimento na trajetória dos ocupantes, com um enfoque em sua atuação política.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Os resultados parciais são construídos a partir da análise das entrevistas sob o prisma da revisão bibliográfica sobre juventude nos movimentos sociais (NOVAES, 2011), em conjunto com os conceitos de Bourdieu - campos sociais, capital, e Habitus. (BOURDIEU, 1989; GREENFELL, 2018)

Sobre identidades, tema abordado no primeiro tópico da entrevista, um resultado que considero relevante é que 5 entre 7 entrevistados afirmaram que a ocupação mudou o que eles entendiam pelo termo “secundarista”. Os dois que afirmaram que seu entendimento não foi alterado, também citaram que a identidade já significa uma luta política. Sobre as jornadas de Junho de 2013, diversos autores que tratam das ocupações, inclusive ocupantes (CAPAI, 2019), e autores que tratam de movimento sociais no geral (GOHM, 2019), colocam esse marco como significativo para o movimento. No entanto, as respostas sobre a influência que esse evento teve na formação política dos ocupantes foi dividida: 4 responderam que foi significativa, e 3 responderam que não.

Em relação ao segundo tópico abordado na entrevista, todas as respostas apontaram para uma péssima relação com a direção da escola. Ressaltando que o grande problema era a falta de diálogo, o autoritarismo, e a pouca autonomia dada aos alunos.

Analisando as respostas do terceiro tópico, podemos constatar que existiam pontos valorizados pelos ocupantes, e que esses pontos os faziam pensar que a ocupação estava “dando certo”. Ou seja, quanto mais aqueles pontos fossem presentes, melhor seria a ocupação. A partir da definição de Capital para Bourdieu, pude observar que esses pontos valorizados pelos ocupantes poderiam ser entendidos enquanto como capital. Um dos pontos identificados enquanto capital, citado pela maioria dos ocupantes enquanto positivo, foi a tomada de decisões de forma democrática. Esse resultado pode ser traduzido pelo estudo de Souto (2018), que mostra um grande desejo do jovem por participação política, mesmo que não pelos vieses tradicionais.

Quando perguntados sobre os aprendizados construídos durante o movimento, as respostas mais presentes envolvem a capacidade de lidar com o outro, de tomar decisões de forma conversada, e de praticar a escuta. Além disso, também foram citados aprendizados relacionados às pautas identitárias, como por exemplo, aprender a identificar atitudes machistas ou racistas que passavam despercebidas. Seis dos sete ocupantes concordaram que o conhecimento obtido deveria ser inserido no currículo tradicional da escola. O único ocupante que discordou, argumentou que não via como a escola atual poderia ensinar o tipo de conhecimento que ele obteve.

A partir do último tópico tratado na entrevista, constatamos um processo comum à vida política de todos os ocupantes entrevistados: aqueles que já faziam parte de movimentos sociais, após a ocupação, se afastaram da militância política. Já os que tiveram na ocupação a primeira grande experiência, passaram a se tornar mais ativos politicamente. Embora não tenha uma explicação definitiva para esse fenômeno, tenho algumas hipóteses: a primeira é que a ocupação fugiu do modelo tradicional de militância, o que pode ter feito o mesmo “perder o brilho” após tal experiência. A segunda é que a não-concretização de nenhuma pauta em âmbito nacional deixou uma sensação de derrota das ocupações de 2016 no contexto político macro. Embora tenha sido algo totalmente relevante na vida pessoal dos ocupantes, com aprendizados e experiências, houve poucos avanços no âmbito nacional, pois tanto a Reforma do Ensino Médio quanto a PEC 241/55 foram aprovadas.

CONCLUSÕES

A partir desses resultados, podemos concluir que a juventude, se tratando de escola, tenta por outros meios acessar suas potências. As críticas a direção, como vistas nesse estudo de caso, podem explicar as tomadas de decisão democráticas ser um ponto valorizado pelos ocupantes, visto que o questionamento da escola tradicional foi importante para o desenvolvimento da ocupação. A existência de uma escola democrática, portanto, é uma pauta da juventude levada à prática pelos ocupantes.

Além disso, o debate sobre currículo também se faz presente. Tendo 100% dos ocupantes afirmado que aprenderam algo durante a ocupação, e a grande maioria concordado que são conhecimentos que se devem ensinar na escola, vemos como esse modelo de escola pode contribuir com a incessante discussão sobre o currículo escolar.

PALAVRAS CHAVE

OCUPAÇÕES DE ESCOLA; JUVENTUDE; MOVIMENTOS SOCIAIS;

BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, Pierre. Introdução a uma sociologia reflexiva In: Bourdieu P. O Poder Simbólico. Lisboa: Difel, 1989.

Espero tua (re)volta. Direção de Elisa Capai. São Paulo, 2019. 93 min.

GOHM, Maria. Participação e democracia no Brasil: da década de 1960 aos impactos pós-junho de 2013. Petrópolis – RJ: Vozes, 2019.

GRENFELL, Michael. Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais. Tradução de Fábio Ribeiro. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. 393 p.

NOVAES, Regina. Os direitos da juventude do panorama das políticas públicas no Brasil: Conquistas e controvérsias. Secretaria da Juventude/Unesco, 2011.

SOUTO, Anna. **Juventude e Participação** In *Agenda Juventude Brasil: leituras sobre uma década de mudanças*. Orgs: Diógenes Pinheiro ... [et al]. Rio de Janeiro: UNIRIO. 2016.